

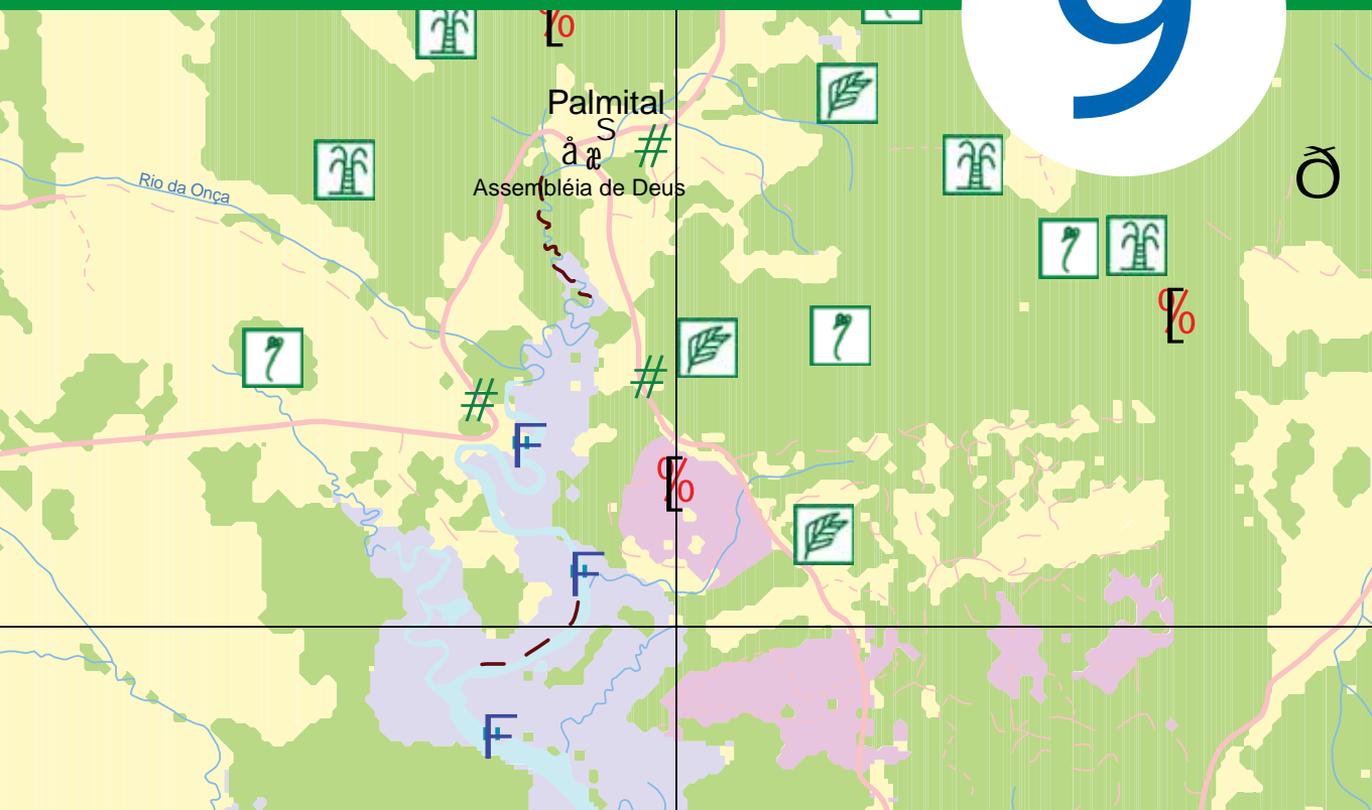
Comunidade de Artesãos do Cipó Imbé de Garuva

Nova cartografia social dos povos e comunidades tradicionais do Brasil

Cipozeiros de Garuva

**Floresta Atlântica,
Santa Catarina**

9





Cipozeiros e cipozeiras participantes da Oficina de Mapas realizada em 13/02/2007:

Anazídia Guilherme da Silva, Bruneto Genelcio, Carlos Hernaski, Cristiane Pereira Maciel, Daniela Fernandes, Elisabete de Souza, Euclides Magalhães, Eunice Maria da Conceição Teixeira, Fernanda de Medeiros, Judith de Medeiros, Judith Pereira Maciel, Maria de Souza Freitas, Maria Fernandes Hernaski, Maria Mota, Marina de Freitas, Patrícia de Medeiros, Paulo dos Santos, Pedro Bianche, Ruth Gonçalves

**Projeto Nova Cartografia Social
dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil**

**FASCÍCULO 9
Cipozeiros de Garuva, Santa Catarina**

**Florianópolis SC, março 2007
ISBN 85-86037-20-6**

Coordenação do PNCS-PCTB
Alfredo Wagner Berno de Almeida
(PPGSA-UFAM, FAPEAM-CNPq)
Rosa E. Acevedo Marin
(UNAMAZ-NAEA/UFPA)
Joaquim Shiraishi Neto
(PPGDA-UEA)

Equipe de Pesquisa
Renata Martinho Zambonim
Erika Matsuno Nakazono
Douglas Ladik Antunes
Fábio Martinho Zambonim

Edição
Renata M. Zambonim

Cartografia e Mapas
Fabiano Saraiva

Fotografia
Arquivo Projeto Cipó Imbé

Projeto gráfico e editoração
Design Casa 8
www.designcasa8.com.br

Núcleo Cipó Imbé

Grupo de Extratores
João Gonçalves
Ruth Gonçalves
Euclides Magalhães
Antônio Rocha
Judith de Medeiros

Artesãos experimentadores
Ricardo Fernandes
Judith de Medeiros
Eunice Fernandes
José Fernandes
Maria Clanilce
João Antonio

Coordenador Geral Projeto Cipó Imbé
Douglas Ladik Antunes

Coordenadora Manejo Sustentável
Renata Martinho Zambonim

Coordenador Design Integral
Roberta Tonicelo

Pesquisador colaborador
Mauro De Bonis Almeida Simões

Extensionista responsável
Roberta Ramos

Quem são os cipozeiros?

“O cipozeiro é aquele que vive mesmo é do cipó. A gente tá sempre envolvido com ele, é um dinheiro que ajuda muito. Fui criado no cipó, eu, meus irmãos. Agora são meus filhos, meus netos. O colégio, as coisas, tudo com cipó. Desde cedo no mato e na arte. Porque tecer é uma arte, né? Vai olhando, vai inventando, criando peça diferente, e ensinando também.

Cipozeiro tá sempre andando no mato, vai olhando e escolhendo o cipó. Trabalhar no mato não é fácil. Tem de trazer o fio lá de longe, nas costas mesmo, 80 quilos até, o que vai usar na semana. Aí coloca no barco, ou vai a pé mesmo. Tem a necessidade, mas também vou pro mato porque gosto mesmo.

Antes tinha muito mais cipó. Tá acabando não é por causa da nossa tirada de cipó, porque se tira certo, o cipó brota de volta, não estraga nada. O pai tirou sempre cipó, há 50 anos; tirando assim certo, continua mais 50 anos. Diminuiu mesmo por causa do desmatamento, desmatação. Pra plantar pinheiro e eucalipto, também plantar arroz, pastagem, muita banana.

O pior é que hoje tem muita gente que tira, quando aperta as contas, mas que não é cipozeiro, mal sabe andar no mato, entra e tira tudo, verde, maduro, tiram até a mãezera! Aí vende, bruto, tudo misturado. Antes não tinha quem vendia, era só pra uso próprio, pra fazer seu artesanato – aí vai se acabando, e a nossa fama que fica ruim. A gente quer licença pra tirar do mato, e o pessoal que não sabe tirar acaba atrapalhando.

Também tem de combinar com dono da terra pra entrar no mato, tem muitos que não deixam, porque acha que a gente vai tirar palmito, ou porque não quer gente andando na terra deles. Mas quando vai tirar cipó, só dá pra tirar cipó mesmo, que já é trabalho que chega.

Por causa desses problemas que é bom essas reuniões, a gente vê que pra cada cipozeiro os problemas são os mesmos. Dá pra ir pensando junto uma solução. Tem muitos que não tão acostumado com reunião, acha que não dá tempo por causa das encomendas, mas de pouquinho o povo vai chegando, pode se juntar pra melhorar as coisas.

E mesmo que a gente fique rico, a gente continua tirando cipó, porque é feito uma terapia, um costume, fica todo mundo junto, a família junta.”

Cipozeiros e cipozeiras participantes da oficina

Houve solicitação durante a oficina para que estas falas não fossem individualizadas no Fascículo



Mãezera do cipó imbé com raízes Aéreas



Raízes maduras separadas para coleta



Jango Gonçalves na extração do cipó



Menino empilhando cesto

O grupo de cipozeiros no Projeto Cipó Imbé

Na região de Garuva, cerca de 200 famílias se dedicam direta ou indiretamente ao artesanato com fibras vegetais. A principal fibra nativa é o cipó imbé (*Philodendron corcovadense* Kunth – ARACEAE), tradicionalmente utilizado há gerações, sendo suas raízes usadas para artesanato de cestas e balaios diversos, chapéus, luminárias, entre outros artigos decorativos e utilitários.

Os cipozeiros de Garuva são descendentes de colonizadores de origem europeia (alemães, poloneses, italianos e portugueses), e vivem em pequenas propriedades na área rural. Podem complementar a renda com a pesca, com a extração de outros produtos florestais (como “palha”, “taboa”, “peri”), com as roças de aipim e com trabalho assalariado temporário ou artesanato com vime. Em muitos casos dependem unicamente da renda do trabalho com cipó.

O trabalho com cipó imbé envolve vários membros da família: homens e mulheres, jovens e adultos, crianças e idosos. As raízes são retiradas da “mãezera” por corte com faca, ou por torção do fio (“coxado”), “...não pode cortar a mãezera, senão acaba o cipó”. São retiradas apenas raízes maduras, deixando outras mais jovens, “pra não deixar a mãezera sem água”. A escolha da área para nova retirada segue aproximadamente um esquema de “pousio”. Depois o cipó é descascado, raspado, seco, partido, perfilado e então trançado.

A produção, que vai para outros lugares do Estado e também Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Mato Grosso, é vendida para intermediários por um preço baixo, gerando necessidade de produção intensa (até 15 horas/dia de trabalho) e, infelizmente, queda de qualidade dos produtos, e intensificação na busca do recurso na floresta.

“...não pode cortar a mãezera, senão acaba o cipó”

Atenta a estas questões, a Associação de Desenvolvimento da Microbacia Palmital – ADM, estruturada no Projeto Microbacias 2 da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina – EPAGRI, composta por agricultores do município, entre eles cipozeiros, na realização do Plano de Desenvolvimento

da Microbacia Hidrográfica Palmital, apontou a necessidade do aprimoramento da cadeia produtiva de cipó imbé, abrangendo desde a retirada de cipó de áreas florestais, até seu beneficiamento, manufatura e comercialização.

Foram então estabelecidas parcerias formando-se o Núcleo Cipó Imbé, composto por artesãos, extratores, extensionistas e pesquisadores, que desde 2004 vem buscando articular ações nas áreas de manejo sustentável, “design” integral e economia solidária. Atualmente, o Projeto Cipó Imbé vem realizando atividades voltadas para a caracterização das tipologias de manejo local, para a realização de oficinas de criação, para a priorização de ferramentas de trabalho a serem melhoradas e capacitação dos artesãos no cálculo de valor da produção.



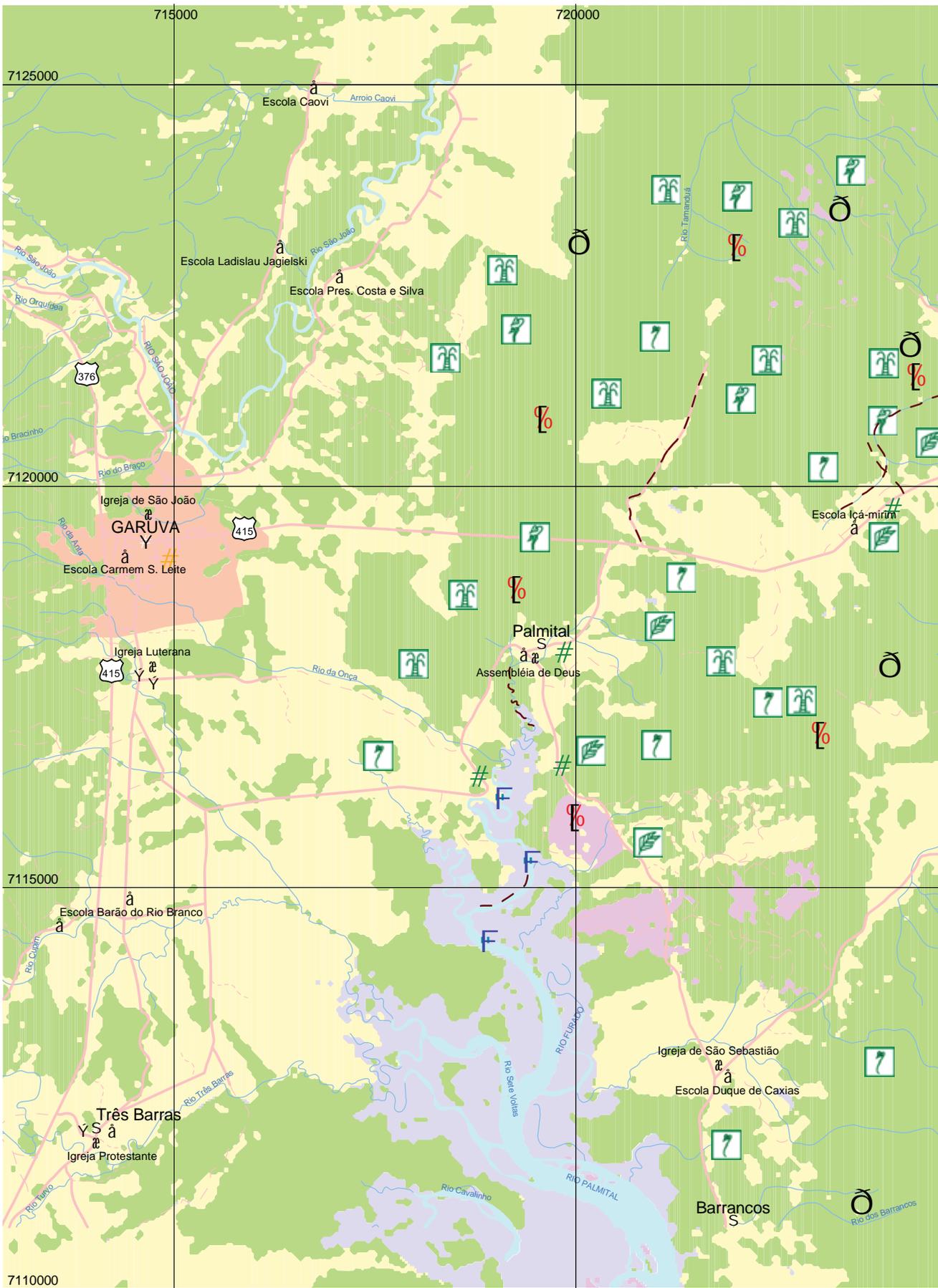
As artesãs D. Marlene, D. Ruth, D. Eunice



Descasque

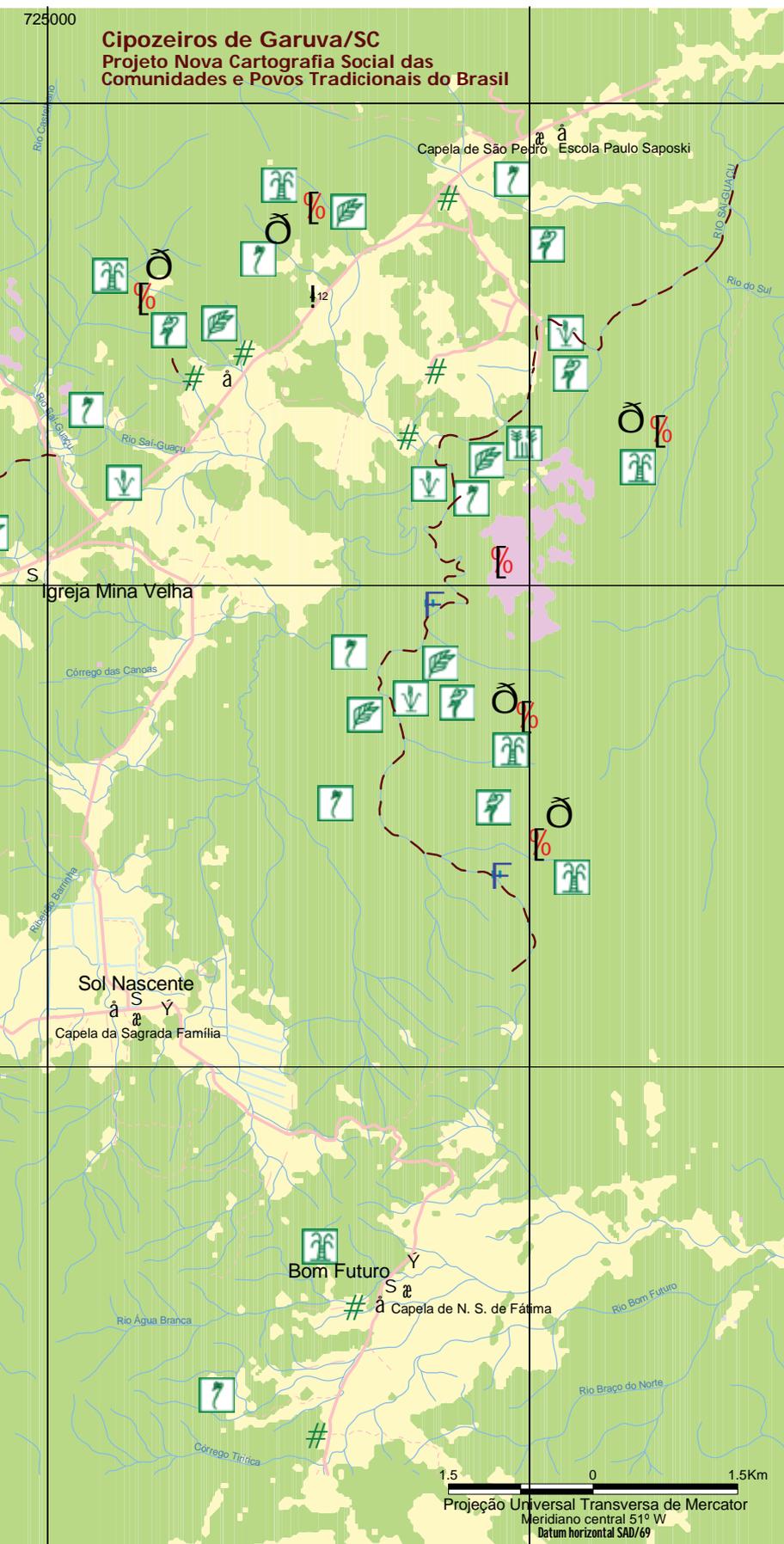


Raspagem do limo



Cipozeiros de Garuva/SC

Projeto Nova Cartografia Social das Comunidades e Povos Tradicionais do Brasil



Área mapeada

- # Concentração de famílias cipozeiras tradicionais
- # Concentração de extratores eventuais

Atividades extrativistas

- Área de uso dos cipozeiros
- Principais locais de extração atual de cipó
- Locais de coleta de palha (morro e várzea)
- Locais de coleta de peri
- Locais de coleta de taboa
- Locais identificados de ocorrência de palmito
- Locais identificados de caça
- Pesca

- Acessos para áreas de extração de cipó imbé (estradas e rios)

- Áreas de maior restrição a extração de cipó/conflitos

Uso atual da terra

- Agropecuária
- Água
- Cobertura florestal (área de ocorrência de cipó imbé)
- Manguezal
- Floresta plantada (pinus e eucalipto)
- Área urbana

Convenções

- Rodovia
- Caminho
- Trilha
- Hidrografia
- Y Cidade
- S Vila/Povoado
- ⌘ Escola
- ⌘ Igreja
- Y Cemitério

Fontes

Projeto Cipó Imbé - Oficina Mapeamento Participativo
INPE (2002, imagem orbital Landsat7, 220/078)
EPAGRI/IBGE (2004, Mapoteca Topográfica Digital/SC)

1.5 0 1.5Km

Projeção Universal Transversa de Mercator
Meridiano central 51° W
Datum horizontal SAD/69

Por que a cartografia?

“Esse trabalho, de pôr essas coisas no mapa, é importante, pode ajudar para a legalização do cipó, que é o que a gente quer.” S. Euclides



Partindo a raiz



Perfilando

A região de Garuva

O município de Garuva localiza-se na região nordeste do Estado de Santa Catarina, a 234 km de Florianópolis, e 36 km de Joinville. Com aproximadamente 500 km² de área, apresenta 60% de cobertura de Floresta Atlântica, em diferentes estágios de sucessão vegetal, grande parte estágios sucessionais avançados. É popularmente conhecido como o “Paraíso das Águas”, possuindo diversos rios que cortam o município, constituindo-se assim num manancial estratégico, segundo a Fundação do Meio Ambiente de SC. Possui relevo heterogêneo, sendo maior parte do território composto de terras planas e baixas. Sua maior altitude fica na Serra do Mar, e encontram-se também áreas de mangue na região do Rio Palmital. São três microbacias hidrográficas na região: Palmital, Saí-Guaçu e Três Barras. O local de trabalho envolve as microbacias de Palmital e

Saí-Guaçu, às quais pertencem, respectivamente, as comunidades de Palmital, Barrancos e Bahararas, e Mina Velha, Sol Nascente e Bom Futuro. Essas comunidades apresentam um maior número de famílias trabalhando com artesanato de cipó imbé, fazendo uso das áreas florestais dessas bacias.



Estufa



Transporte dos feixes

Conflitos com cipozeiros da Floresta Atlântica

A primeira dificuldade dos cipozeiros, da qual há maior queixa, é relativa ao licenciamento para retirada de cipó da floresta. A legislação pede um plano de manejo para extração de produtos florestais não madeireiros, com requisitos que demandam esforços e financiamento com os quais o grupo, e o município, não puderam arcar até então. Os cipós, em toda sua diversidade e amplitude de distribuição no país, vêm sendo largamente utilizados há gerações e ainda se observa carência de referência a um sistema de manejo indicado. Em Garuva, está sendo estudada a forma como os cipozeiros realizam o manejo local, que considera o conhecimento tradicional do cipozeiro, e entrelaça com conhecimento científico disponível, na busca de uma primeira fundamentação para uma coleta “responsável”. A partir daí, serão buscados os primeiros acordos com as autoridades ambientais locais. Atualmente, os responsáveis pela fiscalização ambiental na região não têm atuado de forma repreensiva com os cipozeiros, sendo realmente raros os relatos de interceptação, ou qualquer outra forma de autuação. Não obstante, o cipozeiro ao realizar sua atividade sente-se ameaçado pela possibilidade do policiamento.

“Antigamente a gente ia acender vela na cruz do meu avô, lá no Carrapatinho... hoje é a Fazenda. Hoje não pode mais.”

“Isso aqui, esse mato, esse rio, tudo que você vê daqui, é nosso, porque faz parte da nossa vida...” D. Judith

Além da “permissão” pela lei, o cipozeiro precisa da autorização do dono da terra onde está a floresta com cipó imbé – toda a área de uso dos cipozeiros em Garuva é propriedade privada. A maioria são fazendas de grandes empresas. Os acordos são diversos, variando em uma escala que vai da liberação sem restrições, passando pelo pagamento de taxas de uso, até conflitos armados.

“Onde é área com palmito, cipó não pode tirar.”

Seu João



Cipozeiros e cipozeiras reunidos na oficina do mapeamento de usos dos recursos, PNCSA (fev/2007)



Localização do município de Garuva no Estado de Santa Catarina

Os casos de maior conflito, assim como os casos de maior restrição ao uso da floresta, estão bastante associados ao roubo de palmito jussara (*Euterpe edulis*, *Arecaceae*), produto inúmeras vezes mais valorizado que ocorre praticamente nas mesmas áreas de extração de cipó. Dessa forma, é comum associarem o cipozeiro a um possível “palmiteiro” ilegal. Como se observa também em outras regiões de Floresta Atlântica, a atividade de extração de palmito infelizmente pode remeter a um esquema organizado, com saques noturnos, e processamento clandestino, guardado por vezes sob armamento. Devido a essa situação, as possíveis represálias a um cipozeiro

confundido com um “palmiteiro” por um capataz de fazenda atemorizam os trabalhadores do cipó, que trazem relatos inclusive de tiroteios. Muito semelhante a esta última questão, está a caça, cuja fiscalização é mais severa. Há caçadores ocasionais, que caçam para provisão familiar, e outros que o fazem para comercialização. Na defesa da propriedade privada, com seus recursos naturais mais caros, o dono impede o cipozeiro de entrada, temendo não só que ele faça uso deles, mas que avise a terceiros de sua existência.

Restringindo ainda mais o acesso aos recursos registra-se desmatamentos constantes. As causas para supressão florestal são diversas, comuns a tantas regiões de Floresta Atlântica: grandes plantações de pinus, eucalipto, arroz, banana e pastagens. Sem floresta, não há cipó.

Ainda na procura de áreas com suficiente cipó, o cipozeiro mais tradicional se vê em concorrência com um “novo extrator”, que se beneficia com a possibilidade de acréscimo de renda na venda da matéria prima bruta. Normalmente é um morador da cidade, sem intimidade com a mata, e assim sem conhecimento de uma boa prática de coleta, não conservando a planta produtora e retirando raízes verdes não apropriadas para o artesanato. Além disso, alguns extratores ocasionais adulteram o peso dos feixes de cipó, embutindo pedras ou semelhantes no interior. Além de prejuízo ambiental e nos estoques naturais da planta, os cipozeiros, mais uma vez confundidos com esses extratores, se sentem afetados com uma fama que não faz jus ao seu desempenho.

A atividade dos cipozeiros se fortalece através das formas mais adequadas de uso do recurso e do aprimoramento na produção do artesanato. A organização em coletivo por parte desses agentes sociais visa buscar estratégias de uso do cipó que estejam de acordo com as normas legais de conservação dos ambientes e possibilitar maior visibilidade de êxito à prática tradicional do artesanato.

“O que é da natureza é de todo mundo...” Seu Jango



CONTATO

Comunidade de Artesãos do Cipó Imbé de Garuva

Projeto Cipó Imbé, Garuva

Douglas LadiK Antunes

telefone 48. 3338-3808/ 8834-3595

douglasantunes@udesc.br

Florianópolis SC

EPAGRI – Escritório Regional Garuva

Roberta Ramos – extencionista

telefone 47. 3445-3882

Cipozeiros

Euclides Brasília Vieira Magalhães

Estrada Palmital km 2, Pesque e Pague Lagoa dos Anjos

Comunidade Palmital

89248-000 Garuva SC

Ruth Gonçalves

Estrada Palmital s/n, ao lado da igreja católica

Comunidade Pamital

89248-000 Garuva SC

Judith Lopes

Estrada Geral Morro XV s/n

Mina Velha

89248-000 Garuva SC

Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil

- 1 Povos dos Faxinais – Paraná**
- 2 Fundos de Pasto**
Nosso Jeito de Viver no Sertão
Lago do Sobradinho, Bahia
- 3 Quilombolas de Jambuaçu – Moju, Pará**
- 4 Comunidades dos Pescadores e Pescadoras Artesanais**
Mostrando sua Cara, Vez e Voz
Submédio e Baixo São Francisco
- 5 Ribeirinhos e Quilombolas, Ex-moradores do Parque Nacional do Jaú Novo Airão, Amazonas**
- 6 Quilombolas de Conceição das Crioulas Pernambuco**
- 7 Ribeirinhos e Artesãos de Itaquera, Gaspar, Barreira Branca e São Pedro Rio Jauaperi. Roraima e Amazonas**
- 8 Quilombolas de Linharinho Espírito Santo**
- 9 Cipozeiros de Garuva Floresta Atlântica, Santa Catarina**
- 10 Povoado Pantaneiro de Joselândia Mato Grosso**

REALIZAÇÃO

Comunidade de Artesãos do Cipó Imbé de Garuva

APOIO



Ministério do Meio Ambiente

